

UMA AGENDA DE ESTUDOS SOBRE AS CRIANÇAS E A EXPERIÊNCIA DE VIVER A INFÂNCIA EM UM CONTEXTO DE EDUCAÇÃO COLETIVA*

AN AGENDA FOR STUDIES ON CHILDREN AND THE EXPERIENCE OF LIVING THE CHILDHOOD IN A CONTEXT OF COLLECTIVE EDUCATION

Altino José Martins Filho 1
Lourival José Martins Filho 2

1 Historiador (UFSC); Pedagogo (UNINOVE); Especialista em História Social (UDESC); Mestre em Educação e Infância (UFSC); Doutor em Educação (UFRGS) com ênfase em Estudos sobre Infâncias. Professor efetivo de Educação Infantil na Rede Municipal de Ensino de Florianópolis. Pós-Doutorando UDESC/PPGE/PNPD/CAPES vinculado ao Grupo de Pesquisa Didática e Formação Docente/NAPE. E-mail: altinojosemartins@gmail.com

2 Pedagogo (UDESC); Especialista em Alfabetização (UDESC); Mestre em Educação e Cultura (UDESC); Doutorado em Teologia com ênfase em Educação e Religião pela Escola Superior de Teologia - EST/RS. Pós-Doutorado em Educação e Religião na Escola de Educação e Humanidades da Pontifícia Universidade Católica do Paraná. Na UDESC/FAED é Professor Associado de Alfabetização e Estágio Curricular Supervisionado nos Anos Iniciais do Ensino Fundamental. Leciona no Departamento de Pedagogia, no Programa de Pós-Graduação em Educação - Mestrado e Doutorado e no Programa de Pós-Graduação em Gestão da Informação - Mestrado Profissional. Coordena o Programa de ensino, pesquisa e extensão Caminhos. É Coordenador Institucional do Programa Residência Pedagógica. É Coordenador de Pós-Graduação da UDESC. E-mail: f2lourival@udesc.br

Resumo: O presente trabalho objetiva demarcar posição em relação à compreensão do tema das culturas infantis e à possibilidade imanente de se estabelecer um panorama histórico, mesmo que breve, crítico e reflexivo dos estudos sobre as crianças e as infâncias. Buscando o apoio da Sociologia da Infância e da Pedagogia da Infância, dirigiu-se o foco da análise para as relações estabelecidas entre adultos e crianças, e estas entre si, reconhecimento das crianças desde bebês como atores sociais ativos nos processos de socialização. Pelas categorias de análise elaboradas nos estudos aqui reunidos, pôde-se perceber que, tanto nas relações de conflito e tensão como nas de maior harmonia, adultos e crianças produzem representações simbólicas a respeito do mundo com o qual interagem e, no caso das crianças, a elaboração das culturas infantis. Assim, nosso objetivo central é trazer reflexões em torno do reconhecimento do direito da participação infantil, tomado como um importante princípio para a docência no contexto educativo das instituições de educação infantil, igualmente nos induz a pensar na qualidade do cuidado e educação em termos de coeducação, de aprendizado mútuo e colaborativo entre os vários participantes, numa orientação política, educacional e pedagógica pelos direitos das crianças e dos bebês.

Palavras-chave: Pesquisa com Crianças. Culturas Infantis. Participação. Minúcias da Vida Cotidiana.

Abstract: The present work aims to establish a position in relation to the understanding of the theme of childhood cultures and the immanent possibility of establishing a historical panorama, even if brief, critical and reflective of studies on children and childhood. Seeking the support of the Sociology of Childhood and Childhood Pedagogy, the focus of the analysis was directed to the relations established between adults and children, and these among themselves, recognition of child from infants as active social actors in the processes of socialization. From the categories of analysis elaborated in the studies gathered here, it can be seen that in both conflict and tension relations as well as in the more harmonious relationships, adults and children produce symbolic representations of the world with which they interact and, in the case of children, the elaboration of childhood cultures. Thus, our main objective is to reflect on the recognition of the right of children's participation, taken as an important principle for teaching in the educational context of early childhood education institutions, also leads us to think about the quality of care and education in terms of coeducation, of mutual and collaborative learning among the various participants, in a political, educational and pedagogical orientation for the rights of children and infants.

Keywords: Research with Children. Childhood Cultures. Participation. Minutiae of Everyday Life.

*Este artigo corresponde aos estudos de Altino José Martins Filho realizados em estágio de pós-doutoramento (2019- 2020), no Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade do Estado de Santa Catarina - PNP/CAPE/ na supervisão do Professor Dr. Lourival José Martins Filho, vinculado ao Grupo de Pesquisa Didática e Formação Docente/NAPE.

Produção das Culturas Infantis: Construção Simbólica dos Mundos de Vida das Crianças

Existir é insistir.
(Spinoza, 2007)

Temos estruturado uma agenda de estudos e pesquisas no qual apontamos a necessidade de lançar um olhar sensível, atencioso e estudioso para o sistema de comunicação, produção e interpretação das culturas infantis, as relações sociais e a ordem instituinte das crianças quando estão entre pares. Sarmiento & Pinto (1997) também sugerem a necessidade de novas análises das posições das crianças e sobre o status da infância na sociedade e, afirmam, que o fato de dar voz as crianças, equivale representá-las em igualdade de condições com outros grupos sociais e considerá-las como unidade de observação. Parece-nos urgente apreender para conhecer os mundos sociais e culturais em que as crianças constroem as suas particularidades, idiosincrasias e subjetividades.

Em nossos estudos e pesquisas passamos a nos interessar em compreender e dar destaque para as “vozes infantis” nas pesquisas com crianças, avançando para além da natureza das pesquisas sobre crianças. Com intuito de conhecer o que as crianças falam sobre si e conhecer a produção livre das culturas infantis, tomando como ponto de vista o que as próprias crianças nos revelam, temos nos dedicado a romper com os saberes dominantes, saberes hegemônicos, que pretendem definir as crianças por regularidades canônicas. Assim, passamos a nos desafiar a observar com atenção as crianças em suas manifestações, sentidos atribuídos à cultura societal e leitura de significados de conceitos situados, isto no intuito de captar os variados jeitos de ser e seus estilos de vida, uma pluralidade de modos a elas pertencentes. Neste movimento de estudos e pesquisas, a chave foi considerar as crianças como atores sociais pertencentes a grupos sociais específicos (de gênero, de classe social, de etnia, de idade, etc.) e desenvolver pesquisadas focadas nas relações intra e intergeracionais.

Os Estudos da Infância/Criança compreendem as crianças como produtoras de culturas e tal produção indica sua potência, pois elas também contribuem para a produção das sociedades adultas (CORSARO, 2010, 2011; SARMENTO, 2004, 2008; BROUGÈRE, 2010; MARTINS FILHO, 2015, 2018). Principalmente pelo estudo das culturas da infância, surgem metodologias de investigação como a etnografia, que tem contribuído para conhecermos as complexidades dos mundos das crianças, complexidade que reverbera nas práticas educativas e pedagógicas. Nos dizeres de Sarmiento (2008) tais estudos consideram que:

[...] as crianças integram uma categoria social, a infância, mas constroem processos de subjetivação no quadro da construção simbólica dos seus mundos de vida, estabelecendo com os adultos interações que as levam a reproduzir as culturas societais e a recriá-las nas interações de pares (SARMENTO, 2008, p. 31).

Todavia, nós podemos sempre interrogar sobre o que são as culturas da infância. Sem a pretensão de esgotar as respostas, cabe afirmar, que são meninas e meninos que estão vivendo no presente a experiência da infância, experiência que têm singularidades e que diferencia as crianças dos adultos. Em segundo lugar, esta experiência de viver a infância está conectada com uma diversidade de espaços, tempos, culturas e, nem todos, vivem a infância da mesma forma.

Desse modo, essa perspectiva de olhar para as produções das crianças na cotidianidade das instituições educativas, pode ainda contribuir para se “compreender o cotidiano para além da obviedade, da arbitrariedade e da obscuridade que o esvazia de sua complexidade, quando

o necessário seria viabilizar a afirmação da sua singularidade no entretecer de sua diversidade pedagógica". (MARTINS FILHO, 2013, p. 46). Tais possibilidades encontram-se com os preceitos das Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil (2009). O documento atribui valor e importância à autonomia das crianças:

As práticas pedagógicas que compõem a proposta curricular da Educação Infantil devem ter como eixos norteadores as interações e a brincadeira e garantir experiências que: [...] Possibilitem situações de aprendizagem mediadas para a elaboração da autonomia das crianças nas ações de cuidado pessoal, auto-organização, saúde e bem-estar; (BRASIL, 2009, p. 26).

Portanto, a atenção dispensada aos fazeres diários da docência poderá ajudar a quebrar ou romper com a burocratização e a naturalização da vida cotidiana, que em muitos momentos apenas segue as rotinas repetitivas e apressadas, quase sempre envolvidas por lamentações (MARTINS FILHO, 2013). Poderá ajudar a tornar visível o que é rotineiro, corriqueiro, pouco prestigioso, o que até então não tinha maiores significados pedagógicos: a docência construída com a participação dos bebês e crianças pequenas. Comumente os adultos imprimem nessa condição a sua cultura pela socialização, concebida como um processo unilateral e passivo, e sempre na direção do adulto sobre a criança.

É requisito para a participação efetiva das crianças, no que concerne "a importância contemporânea das práticas democráticas para instituições de educação infantil que tenham suas vozes escutadas com afeto e efetividade e seus dizeres traduzidos em práticas que correspondam aos seus interesses" (DAHLBERG; MOSS; PENCE, 2003, p. 420).

Dessa forma, pensar a participação das crianças também significa repensar a ação pedagógica. A relação de diálogo entre as professoras e as crianças favorece a livre expressão infantil ou como estamos denominando nesse estudo: as produções das culturas infantis como um modo de experienciar e viver as infâncias.

Cabe ainda entre nós estudiosos da categoria infância, militantes em favor das crianças terem direitos de usufruírem de suas infâncias, compreender com maior clareza o conceito de culturas infantis.

Andy Arleo e Julie Delalande (2010) fazem uma distinção do conceito de culturas da infância no plural (as marcas das diferenças, principalmente pelos pertencimentos de classe, gênero, raça/etnia e subgerações/idades) e no singular (as características universais, que encontramos em crianças de diferentes partes do mundo). No plural, temos os saberes e práticas culturais próprios das crianças marcados pelas diferenças de classe, raça/etnia, gênero, idade, que são produzidos por elas, como também para elas. No singular, o termo designa práticas como o brincar e suas regras e técnicas, as práticas languageiras, as normas e regras sociais que são universais (ARLEO & DELALANDE, 2010).

As culturas da infância podem ser definidas como um conjunto de saberes que caracterizam um grupo de crianças, participando na fundação de sua identidade e no seu reconhecimento entre os grupos de pares (ARLEO & DELALANDE, 2010). Sarmiento (2004) as compreende como modos sistematizados de significação do mundo e de ação intencional realizados pelas crianças, que são distintos dos modos adultos de significação e de ação no mundo. O autor afirma que:

(...) as culturas da infância possuem, antes de mais nada, dimensões relacionais, constituem-se nas interações de pares e das crianças com os adultos. Estruturam-se nessas relações, formas e conteúdos representacionais distintos, elas exprimem a cultura societal em que se inserem, mas o fazem de modo distinto das culturas adultas, ao mesmo tempo que veiculam formas específicas de inteligibilidade, representação e simbolização do mundo (SARMENTO, 2004, p. 20).

As pesquisas de William Corsaro (2011), ainda que centradas sobre crianças da escola maternal colocaram a cultura infantil no centro das suas análises, especialmente pela via do conceito de reprodução interpretativa, que ao questionar a ideia de socialização unilateral, evidenciou a parte ativa que a criança ocupa na sua aprendizagem e na sua inserção no seio da sociedade.

Segundo Sarmiento (2004), as crianças, assim como têm suas culturas, também passam pelo crivo cultural dos adultos com a inculcação de normas, valores e comportamentos presentes na sociedade. Algumas são manifestações da cultura hegemônica presentes nos desenhos e filmes infantis, nos estilos musicais veiculados pela mídia, nos brinquedos e imagens de infância que eles veiculam, sendo que a colonização do imaginário infantil pelo mercado é um dado da sociedade contemporânea que, para Sarmiento, não podemos ignorar.

Cabe ainda destacar que, para Sarmiento (2004) é no vaivém entre as culturas geradas, conduzidas e dirigidas pelos adultos para as crianças e entre as culturas construídas nas interações entre as crianças que se constituem os mundos culturais da infância. O produzir e compartilhar significados, acontece em meio a conflitos de interesses entre adultos e crianças, que estão sempre em busca de hegemonia para seus significados.

Para Ferreira (2002), a assunção de critérios e valores próprios de pensar, sentir, dizer, saber e fazer, aprendidos e reproduzidos interpretativamente num quadro de relações sociais em contextos educativos, estável e durável, torna-os patrimônio cultural inerente ao grupo de crianças. A autora, assinala que esses pensares, saberes, sentires, dizeres e fazeres são, pela sua gênese, conhecimento e partilha, atividades cotidianas coletivas que estruturam as culturas infantis.

Tomamos, ainda, como referência a importante obra “Constructing and Reconstructing Childhood: Contemporary Issues in the Sociological Study of Childhood” (1997), a qual foi editada pela antropóloga Allison James e pelo sociólogo Alan Prout, sendo considerado um livro clássico para o campo da Sociologia da Infância, principalmente pela proposta de um novo paradigma para orientar os estudos das crianças e da infância – o qual problematiza o conceito tradicional de socialização que coloca as crianças como passivas e devires, para conceituar as crianças como atores sociais e a infância como categoria socialmente construída – o que sem dúvida representa uma contribuição fundamental para mudar a lente utilizada para estudá-las e pesquisá-las nas sociedades ocidentais.

No seio da cultura infantil se pode considerar que existe uma cultura lúdica, “um conjunto de estruturas, de esquemas, formatos, temas que permitem as crianças brincarem juntas e constituírem entre elas, comunidades de prática lúdica” (BROUGÈRE, 2010, p. 33). Por conseguinte, as crianças pertencem a diversas comunidades de prática lúdica, algumas podem passar de uma a outra, transmitindo elementos de um repertório a um grupo que não o conhece. Daí vem a importância da participação, pois para ser aceito em um grupo não há carta de membro, pertencer a um grupo é participar, fazer com, brincar com, uma negociação permanente de significados. Assim, para Brougère (2010), “as comunidades lúdicas não começam do zero, elas aproveitam os traços de outras comunidades de prática, traços reificados através de tradições orais que são repetidos e transformados” (BROUGÈRE, 2010, p. 35).

Na próxima seção do artigo, façamos uma pergunta que tem povoado a campo da educação infantil, em especial para pensarmos o cotidiano pedagógico e educacional mais significativo e com sentido ao que as crianças querem porque precisam para viver suas infâncias.

Bebês e Crianças Pequenas Produzem Culturas?

Mesmo nos Estudos da Infância/Criança, são recentes as investigações com bebês e crianças bem pequenas¹. Os Estudos da Criança reconhecem que a psicologia do desenvolvimento acumulou pesquisas sobre bebês (desde os bebês de colo, pois comumente são considerados bebês os seres humanos de até dois anos), as quais se dedicaram, principalmente, aos bebês e crianças pequenas europeus, americanos, brancos, de classe média, cujos resultados têm sido universalizados e naturalizados (GOTTLIEB, 2013). A pluralidade humana ficando a margem dessa naturalização.

¹ Nomenclatura adotada pelo Documento: Práticas Cotidianas na Educação Infantil- Bases para a Reflexão sobre as Orientações Curriculares (MEC/BRASIL, 2009) voltado para a educação de crianças de 0 a 6 anos e que compreende bebês como crianças de 0 a 18 meses e crianças bem pequenas como crianças entre 19 meses e 3 anos e 11 meses.

Para Mozère (2008), bebês e crianças pequenas têm sido identificados com base na fragilidade, na incerteza e dependência. Desde sua vinda ao mundo, os bebês são pensados em relação ao que lhes falta, e são os adultos que vão progressivamente combater e compensar tais privações. Martins Filho (2015) em seu livro “Criança pede Respeito”, também problematiza a visão dos bebês como um conjunto de negativos, onde tudo lhes falta, cabendo aos adultos lhes ensinarem de forma compulsiva e precoce a cultura que o rodeia. Comenta o autor, que isto quase sempre acontece pela transmissão e memorização.

O que Mozère (2006; 2007; 2008) nos instiga a pensar é como podemos apreender um standpoint (ponto de vista) dos bebês e crianças bem pequenas. Por conseguinte, a autora entende que acompanhar e observar bebês e crianças pequenas nas creches permite, pela pesquisa empírica, perceber as forças singulares de desejo que elas manifestam. Entender o que bebês e crianças pequenas dizem de seus desejos, que meios percorrem para garanti-los, é uma possibilidade de abertura à participação infantil. O que nos poderá possibilitar conhecer sua produção cultural.

A criança, desde bebê, está imersa em cultura, produz visões do mundo e partilha representações da realidade com outras crianças e adultos. Reivindicar esses aspectos para a compreensão das culturas infantis é lembrar que as crianças sempre foram responsáveis pela integração cultural das demais crianças em grande parte da história humana (GOTTLIEB, 2009, 2013). A construção do sentimento de pertencimento, de ser aceito ou excluído num grupo, indica que bebês e crianças pequenas são competentes para estabelecer trocas e aprendizagens sociais e afetivas, não somente com os adultos, mas também com seus coetâneos.

Importante considerar que os bebês e crianças bem pequenas de diversos contextos convivem com outras culturas quando assistem programas e desenhos infantis, escutam e cantam músicas, ou manuseiam brinquedos e livros. Enfim, eles utilizam formas especificamente infantis de representação e simbolização do mundo, mas isto não é feito sem conexão com os adultos e com as outras formas culturais presentes no mundo, como a cultura escolar e o mercado de produtos culturais destinados à infância.

Neste sentido, nossos estudos e pesquisas², por mais de duas décadas, sempre tiveram como foco temático as práticas educativas e pedagógicas com bebês e crianças pequenas no cotidiano de creche, pré-escolas e escolas, evidenciando as experiências como forma de nos constituirmos como seres do e no mundo³.

Almejamos contribuir com outras compreensões sobre os seres humanos de pouca idade, pois os bebês e crianças pequenas aprendem entre si, como também podem ensinar as gerações mais velhas (GOTTLIEB, 2009, 2013; BROUGÈRE, ULMANN, 2012). Como refere Brougère & Ulmann (2012), o conceito de aprendizagem ainda é pouco utilizado para evocar o que as crianças ensinam umas às outras, assim como estamos longe de aceitar a ideia de que uma criança possa ensinar alguma coisa a um adulto.

Acolher e interpretar a complexidade das infâncias é como propiciar a gestão da brincadeira e da experiência no contexto de vida coletiva para e com bebês e crianças pequenas; é como pensar em um ambiente educativo em que nada seja feito para as crianças sem a presença delas; é como sustentar a participação infantil em um contexto no qual as crianças exerçam efetivamente seus direitos de participação ativa; é como projetar um currículo em uma perspectiva cada vez menos centralizada e determinista; é como tomar as crianças como sujeitos permanentes e privilegiados do processo educativo. Um amalgamado de produções que destacam as crianças como protagonistas em um tempo histórico que sonha com outras relações, práticas pedagógicas, estéticas, éticas e políticas de resistência. Um tempo que afirma os direitos das crianças de viver as infâncias!

Uma formação cultural e aberta para outras estéticas e outros olhares sobre o mundo, provavelmente potencialize interações com bebês e crianças pequenas, focadas na escuta, observação e percepção dos seus desejos de movimento, do brincar, de experimentar, tocar, cheirar e viver novas experiências com o corpo todo.

2 Nossas pesquisas se inscrevem nos seguintes grupos de pesquisas NUPEIN/UFSC; GEIN/UFRGS, CIC/UFPEL e GEDIN/UDESC, atualmente nossos estudos de pós-doutoramento estão vinculados no Grupo de Pesquisa Didática e Formação Docente – NAPE/FAED/UDESC.

3 Ver o dossiê organizado por: DELGADO, Ana Cristina Coll & MARTINS FILHO, Altino José (orgs.). Dossiê “Bebês e crianças bem pequenas em contextos coletivos de educação”. Pro-Posições, SP: Unicamp, v.24, n. 3 (72), p. 21-113, set/dez 2013. Disponível: <http://www.scielo.br/pdf/pp/v24n3/02>.

Uma Agenda de Estudos e Pesquisas com Crianças Pequenas

Vimos o crescimento das pesquisas com crianças pequenas e o interesse em conhecer as formas que elas vivem suas infâncias, isto não apenas nas áreas da Psicologia e da Pedagogia, mas também — principalmente, a partir dos anos de 1990 — em diversos estudos no campo da Sociologia da Infância; da Antropologia da Criança; da Arte; da Psicanálise; da Neurociência e da Filosofia. Esses campos articulam pesquisadores de diferentes áreas do conhecimento, o que possibilita pensar a infância como um híbrido, rejeitando a naturalização da infância, o dualismo social e biológico e reconhecendo suas formações biopolíticas (LEE & MOTZKAU apud MARTINS FILHO, 2011).

No dossiê “Bebês e Crianças Bem Pequenas em Contextos Coletivos de Educação”, organizado por Martins Filho e Delgado (2013) podemos dizer que foi inaugurado no Brasil diferentes trabalhos dedicados a pesquisa nessa faixa etária. O dossiê apresentou textos inéditos que permitem um aprofundamento de questões específicas da educação de zero a três anos, reflexões de pesquisadores no âmbito nacional e internacional. O trabalho traz também contribuição de autores com formação e horizontes teóricos distintos, da Sociologia, da Antropologia, da Psicologia e da Pedagogia, diferentes olhares se cruzam, de maneira a proporcionar uma apreensão mais adequada desses pequenos sujeitos em seus primeiros anos de vida. Pelo próprio título do dossiê, destacou-se a importância de estudos e pesquisas centrados nos contextos em que essas crianças convivem com os demais, questão fundamental, uma vez que é na interação com outros que as crianças se formam e se tornam seres humanos, integrantes de uma comunidade histórica, social e culturalmente estabelecida. (MARTINS FILHO e DELGADO, 2013, p. 14).

Porém, sabemos que, se a produção científica da área da Educação Infantil dentro do campo da Pedagogia é muito recente, no campo das demais Ciências Humanas e Ciências Sociais, os estudos que focalizam bebês e crianças pequenas ainda são escassos.

Destarte, ainda é grande o desafio em se tratando da necessária construção epistemológica e paradigmática que pretensamente irá sustentar uma concepção legítima à um grupo geracional com menos poder na sociedade – os bebês e as crianças pequenas. Esta é uma forma de transgredir as tradições convencionais, canônicas, cartesianas e construir uma prática alternativa de pesquisas com crianças, em articulação com os diferentes campos de conhecimentos. Isto tem favorecido para que o olhar do adulto mude, para construir novas vias de abordagens de pesquisas, mais viáveis a conhecer as crianças, mais respeitadas e mais ricas, para romper os limites que separam a cultura das infâncias da cultura dos adultos.

Alguns exemplos contundentes dessa interlocução entre a pesquisa e a prática pedagógica, no âmbito mundial, são as experiências a partir da abordagem italiana de educação infantil em que a documentação e a sistematização dos processos pedagógicos são alvo de pesquisa por vários países, que tem se utilizado dessa experiência para fomentar a pesquisa de práticas pedagógicas que valorizem o protagonismo infantil; e o Instituto de Lócky na Hungria, que nos últimos 30 anos tem apresentado ao mundo as experiências de cuidado e educação com crianças bem pequenas.

Em Lóczy, Budapeste (2011), as crianças são compreendidas como competentes e a proposta educativa apresenta como princípio a ação pedagógica centrada na capacidade delas de agirem autonomamente, de fazer escolhas e de se movimentar livremente pelo espaço e tempo da instituição.

Emmi Pikler já defendia, desde os anos de 1969, que a “atividade autônoma, escolhida e realizada pela criança – atividade originada de seu próprio desejo – é uma necessidade fundamental do ser humano desde seu nascimento”. (FALK, 2011, p. 15-37).

Outra referência que consideramos importante são as pesquisas desenvolvidas pela socióloga da infância Liane Mozère, que utiliza o aporte teórico das feministas anglo-saxônicas para defender o ponto de vista das crianças pequenas, com um trabalho de estudo e pesquisa conduzido em creches da região de Paris desde 1977. Afirma, os familiares, professoras e pesquisadores podem escolher entre abrir ou fechar as portas para “as forças do desejo das crianças bem pequenas, permitindo ou não, que elas escapem dos assujeitamentos” (MOZÈRE, 2007, p. 170). Isto não significa proteger artificialmente as crianças do mundo exterior, ou de criar para elas, um universo artificial ao abrigo da realidade social. No entanto, é possível ajudá-las a enfrentar a sociedade e seus instrumentos de modelagem dos desejos (MOZÈRE, 2007). Essas são experiências internacionais

bastante divulgadas no Brasil, que revelam possibilidades de pesquisas interessadas no fazer *com e das* crianças, no qual a recolha das vozes infantis e suas reivindicações, podem constituir-se em um lugar que potencialize suas culturas e a livre expressão criativa.

Na análise da afirmação de desenvolver pesquisas com crianças, destacamos os estudos no campo da Sociologia da Infância, especialmente em relação as investigações dos sociólogos portugueses e franceses vem ganhando destaque nas pesquisas com crianças em nosso país. É possível perceber a forte presença, nesta última década, do aporte teórico dessa recente área de conhecimento, principalmente em relação aos delineamentos e à escolha de procedimentos teórico-metodológicos (SARMENTO e PINTO, 1997; SARMENTO, 2000, 2001; FERREIRA, 2002). A Sociologia da Infância anuncia a importância de estudar a infância em si mesma, isto é, como uma categoria sociológica do tipo geracional. Para a Sociologia da Infância as crianças são atores sociais ativos. Em outros termos, alertam para a importância de os pesquisadores captarem situações relacionais das crianças quando estão entre elas, no intuito de desvelar os jeitos de ser criança.

Podemos inferir que a Sociologia da Infância se configura como um campo importante nessa discussão e tem se colocado como interlocutora privilegiada no âmbito de constituição de uma Pedagogia da Infância. Ressalte-se que na sociologia brasileira localizamos alguns trabalhos de pesquisas com crianças, mesmo sendo escassos. Registros inéditos de Florestan Fernandes (1961)⁴, já na primeira metade do século XXI, demonstram que o autor utilizou como encaminhamento metodológico o testemunho direto das crianças, por meio da observação direta e prolongada, tendo o objetivo de realizar uma descrição fiel nos parâmetros da etnográfica para capturar o modo de atuação e socialização próprias dos grupos infantis. Outra pesquisa que marcou a área ao eleger as vozes das crianças na coleta dos dados, dando estatuto teórico-metodológico a esses sujeitos, é o trabalho de José de Souza Martins, publicado em 1993. O autor elege a criança como testemunha da história amazonense, justificando ter sua escolha metodológica recaído sobre “a fala das crianças, que por meio delas me falam (e nos falam) do que é ser criança” (MARTINS, 1993, p.18). Fernandes (1940) e Martins (1993) são apontados nos estudos de Quinteiro (2000) como os precursores da Sociologia da Infância no Brasil. Porém, as duas autoras tecem críticas a esses dois pesquisadores, sobretudo por considerarem as crianças como sujeitos “imatuross”. Nas reflexões da autora, embora os autores tenham rompido com o que a autora chamou de “cerco de silêncio” imposto às crianças nas pesquisas de cunho sociológico, ambos mantiveram inalterada a visão tradicional de socialização. As crianças foram compreendidas como sujeitos passivos do trabalho adulto de transmissão cultural.

Willian Corsaro (2011), em seus estudos no campo sociológico, tem contextualizado sobre o conceito de “reprodução interpretativa” das crianças na elaboração das culturas de pares. Ao chamar atenção para as produções infantis, atenta para os adultos não ofuscarem a potencialidade e a participação das crianças. O autor sugere uma condição “atípica” para os adultos, no sentido de reconduzir o olhar para as crianças, ou seja, olhando-as pelos seus próprios olhares. Um exercício essencial para que possamos transver nossas relações com os bebês e as crianças pequenas.

Citamos novamente as referências da antropóloga Allison James e do sociólogo Alan Prout ao proporem um novo paradigma para orientar os estudos das crianças e da infância:

A infância é uma construção social. 2. A infância é variável e não pode ser inteiramente separada de outras variáveis como a classe social, o sexo ou o pertencimento étnico. 3. As relações sociais das crianças e suas culturas devem ser estudadas em si. 4. As crianças são e devem ser estudadas como atores na construção de sua vida social e da vida daqueles que as rodeiam. 5. Os métodos etnográficos são particularmente úteis para o estudo da infância. 6. A infância é um fenômeno no qual se encontra a dupla hermenêutica das ciências sociais evidenciada por Giddens, ou seja, proclamar um novo paradigma no estudo sociológico da infância é se engajar num processo de reconstrução da criança e da sociedade (JAMES e PROUT, 1997, p. 8-9).

4 O trabalho é de 1940, porém só foi publicado em 1961.

Desse modo, o recente interesse pela rediscussão da construção social da infância, tomando a criança como uma variável em si, aponta metodologias que procuram compreender a categoria infância e os sujeitos a ela pertencentes – as crianças –, por meio do descentramento do olhar de adulto para poder entender, por meio das falas das crianças, os mundos sociais e culturais da infância. Portanto, temos um movimento de pesquisas que tem desenvolvido a máxima de que a criança, sendo um ser humano de pouca idade, é capaz de representar o mundo e a si mesma. Essa expressão tem ganhado força e vez nas pesquisas e trazido novos ares, permitindo aos pesquisadores revelarem as interpretações infantis e seus respectivos modos de vida.

Considerações Finais

O equilíbrio que buscamos plantar – entre adultos e crianças – nos permite sair do autoritarismo ou do espontaneísmo impregnado nas relações pedagógicas e nas pesquisas com a infância. Isto ajuda construir a autoria de cada sujeito, em relação às crianças essa concepção exige energia dos pesquisadores. Pois, ainda é necessário construir e expressar um conhecimento que se preocupe em equacionar o sensível e o inteligível, dimensões que ainda precisam ser vistas em um mesmo pólo e conectadas entre si. Sem sombra de dúvida, há uma grande necessidade de apostar e conferir as crianças uma autonomia não somente conceptual, mas sobretudo de sujeito cultural e ativo no processo de produzir a humanidade com seus pares ou o humano em si próprio.

No entanto, o que se destaca nas últimas décadas é a necessária construção da especificidade do projeto de educação e cuidado da primeira infância, estendendo-a às práticas pedagógicas. Ancora-se nesse pressuposto a busca pela consolidação de aprofundamentos teóricos para a constituição de uma teoria pedagógica que corresponda à especificidade da educação infantil. Desse ponto de vista, tem-se assistido à defesa de que é necessário estruturar as peculiaridades das práticas pedagógicas para a faixa etária de zero a seis anos, sem constituir-se em substituto da família ou seguir o modelo de escolarização precoce, nos moldes da escola tradicional do Ensino Fundamental. Logo, a docência na educação infantil extrapola o modelo de professor com formação para exercer seu trabalho em instituição escolar ou seguir modelos de currículos prescritivos e conteudistas. Assim, busca-se por meio de um arcabouço teórico específico da área, consolidar políticas e diretrizes curriculares próprias para respaldar as formas de educação e, conseqüentemente, de trabalho educativo na educação das crianças pequenas.

Assim, vale a pena insistir na ideia de visitar o mundo das crianças para torná-lo especialmente significativo, o que pode contribuir para desnaturalizar o silêncio que historicamente circunda as produções culturais das crianças, ou seja, seus modos peculiares de viver e sentir as infâncias. Esperamos que esta publicação possa contribuir com uma dimensão sócio-histórico-cultural de sua formação humana e com a formação de professores da Educação Infantil, construindo e consolidando uma “Pedagogia da Infância” que sonhe com a beleza do extraordinário e insólito.

Este é um daqueles textos que provoca a uma reflexão contínua e prolongada, por isso não acaba com essas palavras, ainda temos muito o que dizer e escrever. Pois a submissão das crianças corresponde a submissão dos adultos, especialmente em um país como o Brasil, que tem fortemente uma raiz colonialista e escravista. Temos que romper com a submissão que estamos colocados e lutar por nossa emancipação, nossa liberdade de ser e estar no mundo, por isso, apontamos que é chegado ao momento de aprendermos com as crianças o que as infâncias têm a nos dizer, este é um trabalho que os adultos precisam fazer sobre eles mesmos!

Referências

ARLEO, Andy et DELALANDE, Julie. **Cultures enfantines**. Universalité et diversité. Rennes: Presses Universitaires de Rennes, 2010.

BRASIL. **Ministério da Educação**. Conselho Nacional de Educação. Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil. Brasília, 2009.

BAKHTIN, Mikhail Mikhailovich. **Para uma filosofia do ato responsável**. Organizado por Augusto Ponzio e Grupo de Estudos dos Gêneros do Discurso – GEGE/UFSCAR. Tradução de Valdemir

Miotello e Carlos Alberto Faraco. São Carlos: Pedro & João Editores, 2010.

BROUGÈRE, Gilles. **Culture de masse et culture enfantine**. In: ARLEO, Andy et DELALANDE, Julie. Cultures enfantines. Universalité et diversité. Rennes: Presses Universitaires de Rennes, 2010.

BROUGÈRE, G.; ULMANN, A. **Aprender pela vida cotidiana**. Campinas: Autores Associados, 2012.

CORSARO, Willian. **Reproduction Interprétative et Culture Enfantine**. Universalité et diversité de l'expression. In: ARLEO, Andy et DELALANDE, Julie. Cultures enfantines. Universalité et diversité. Rennes: Presses Universitaires de Rennes, 2010.

CORSARO, William. **Sociologia da infância**. 2ª ed. Porto Alegre: Artmed, 2011.

DELGADO, A. C. & MULLER, F. **Sociologia da Infância**: pesquisas com crianças. Educação e Sociedade: Revista de Ciências da Educação, vol.26, São Paulo, Cortez, maio-ago. 2005.

DELGADO, A. C. C. e MARTINS FILHO, A. J. (orgs.). **Dossiê "Bebês e crianças bem pequenas em contextos coletivos de educação"**. Pro-Posições, SP: Unicamp, v.24, n. 3 (72), p. 21-113, set/dez 2013. Disponível: <http://www.scielo.br/pdf/pp/v24n3/02>.

DELGADO, Ana Cristina Coll; WÜRDIG, Rogério Costa ; CAVA, Patrícia Pereira . **Interatividade nas culturas da infância**: aproximações, amizade e conflitos entre bebês. Revista Educação em Questão (ONLINE), v. 55, p. 144-168, 2017.

DELGADO, Ana Cristina Coll; CASTELLI, C. M. ; PORCIUNCULA, F. **As programações do mês da criança**: ambiguidade e poder na participação dos bebês e crianças pequenas - Infância(s), Educação e Sociedade. Investigar em Educação Revista da Sociedade Portuguesa de Ciências da Educação, v. 4, p. 83-96, 2015.

DELGADO, Ana Cristina Coll. **Um encontro com Liane Mozère**: perspectivas pós-estruturalistas nos estudos da pequena infância. Revista Eletrônica de Educação (São Carlos), v. 7, p. 248-256, 2013.

DELGADO, Ana Cristina Coll. Composições fotográficas das crianças sobre o papel dos adultos e participação infantil nas festas dedicadas a infância. **Revista Educação em Questão**, Natal, v.38, n.24, maio/ago (impresso; on-line). Revista Educação em Questão (UFRN. Impresso), v. 38, p. 138-163, 2010.

DAHLBERG, G.; MOSS, P.; PENCE, A. **Qualidade na educação da primeira infância**. Perspectivas pós-modernas. Porto Alegre: Artmed, 2003.

EDWARDS, C.; GANDINI, L.; FORMAN, G. **As cem linguagens da criança**. Porto Alegre: Artmed, 1999.

FALK, J. **Educar os três primeiros anos**: a experiência de Lóczy. São Paulo: JM, 2011.

FERREIRA, Maria Manuela M. **A Gente Aqui o que Gosta mais é de Brincar com os Outros Meninos**: as crianças como actores sociais e a (re)organização social do grupo de pares no quotidiano de um Jardim de Infância. Dissertação (Doutoramento em Ciências da Educação) - Faculdade de Psicologia e Ciências da Educação, Universidade do Porto, Porto, 2002.

FERREIRA, Maria Manuela Martinho. **Do "avesso" do brincar ou...** as relações entre pares, as rotinas da cultura infantil e a construção da(s) ordem(ens) social(ais) instituintes(s) das crianças no jardim-de-infância. In: SARMENTO, Manuel Jacinto; CERISARA, Ana Beatriz. Crianças e miúdos: perspectivas sociopedagógicas da infância e educação. Portugal: ASA, 2004. cap. 3, p. 55 -104.

FERREIRA, Maria Manuela Martinho. A Gente Aqui o que Gosta mais é de Brincar com os Outros Meninos: as crianças como actores sociais e a (re)organização social do grupo de pares no quotidiano de um Jardim de Infância. 2002. **Tese** (Doutoramento em Ciências da Educação) – Universidade do Porto Faculdade de Psicologia e Ciências da Educação, Porto, PT, 2002.

FERNANDES, F. **As ‘Trocinhas’ do Bom Retiro**. In: FERNANDES, F.. Folclore e mudança social na cidade de São Paulo. Vozes, Petrópolis, 1961.

GOTTLIEB, Alma. **Para onde foram os bebês?** Em busca de uma antropologia de bebês (e de seus cuidadores). Psicologia USP, São Paulo, n. 20(3), p. 313-336, jul/set 2009. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-65642009000300002.U

GOTTLIEB, Alma. **Tudo começa na outra vida**: a cultura dos recém-nascidos na África. São Paulo: Fap-Unifesp, 2013.

James, A.; Prout, A.. (Eds.) (1997). **Constructing and Reconstructing Childhood**: Contemporary Issues in the Sociological Study of Childhood. 2ª Edition. Basingstoke: Falmer Press, 260 páginas.

LEAL, B. Leituras da infância na poesia de Manoel de Barros. In: KOHAN, W. (org.). **Lugares da infância**: filosofia. Rio de Janeiro: DP&A, 2004.

MARTINS FILHO, Altino José. **A vez e a voz das crianças**: uma reflexão sobre as produções culturais na infância. Revista Presença Pedagógica, Belo Horizonte, MG, n.61, p.35-45, jan./fev.2005.

MARTINS FILHO, Altino José (Org). **Infância Plural**: crianças do nosso tempo. Porto Alegre: Mediação, 2006.

MARTINS FILHO, Altino José. **Jeitos de ser criança**: pesquisas com crianças nos trabalhos apresentados na ANPED de (1999-2009). 32ª. Reunião Anual da ANPED. Minas Gerais, out. 2010.

MARTINS FILHO, Altino José e PRADO, P. D. (Orgs.) **Das pesquisas com crianças à complexidade da infância**. São Paulo: Autores Associados, 2011.

MARTINS FILHO, Altino José (Org.) **Criança pede respeito**: ação educativa na creche e na pré-escola. 2ª Edição. Porto Alegre: Mediação, 2015.

MARTINS FILHO, Altino José; DELGADO, Ana Cristina Coll. **A participação dos bebês e das crianças bem pequenas** e a prática da docência no contexto da Educação Infantil. Saber & Educar, v. 1, p. 108-117, 2016.

MARTINS FILHO, A. J. LENI V. D. (Orgs) **Lugar da Criança na Escola e na Família**: a participação e o protagonismo infantil. 1ª Edição. Porto Alegre: Mediação, 2018.

Ministério da Educação. (2009). **Práticas cotidianas na educação infantil** – bases para a reflexão sobre as orientações curriculares. Brasília: Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Disponível em [http://portal.mec.gov.br/dmdocuments/relat seb praticas cotidianas.pdf](http://portal.mec.gov.br/dmdocuments/relat%20seb%20praticas%20cotidianas.pdf)

MARTINS, J. S. **Regimar e seus amigos**: a criança na luta pela terra e pela vida. In: MARTINS, J. S. (Org.) O massacre dos inocentes. São Paulo: Hucitec, 1993.

MOZÈRE, L. “Du côté” desjeunes enfants ou comment appréhender le désir em sociologie? In: BROUGÈRE, G. ; VANDENBROECK,M. (Dir.). **Repenser l’ éducationdesjeunes enfants**. Bruxelles: Éditions Scientifiques Internationales, 2007.

MOZÈRE, L. On n'apprend pas à un enfant à marcher. Le Portique [en ligne], 2008, mis en ligne le 05 juin 2010, consulté le 16 février 2012. URL: <http://leportique.revues.org/index1783.html>

MOZÈRE, L. Devenir - enfant. Le Portique [en ligne], 2007, mis en ligne le 07 novembre 2009, consulté le 16 février 2012. URL: <http://leportique.revues.org/index1375.html>

QUINTEIRO, J. **Infância e escola**: uma relação marcada por preceitos. Tese (Doutorado em Educação) – Faculdade de Educação da Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2000.

QVORTRUP, J. **A infância na Europa**: novo campo de pesquisa social. Tradução de Helena Antunes. Braga: CEDIC, IEC, Universidade do Minho, 1999. Disponível em: <http://cedic.iec.uminho.pt>.

ROCHA, E. A. C. **A pesquisa em Educação Infantil no Brasil**: trajetória recente e perspectiva de consolidação de uma Pedagogia da Educação Infantil. Florianópolis: UFSC, Centro de Ciências de Educação, Núcleo de Publicações, 1999.

ROCHA, E. A. C. Orientações para as Diretrizes Curriculares Municipais de Educação Infantil. **Florianópolis**: Prelo Gráfica e Editora Ltda, Prefeitura Municipal de Florianópolis, 2010.

SARMENTO, M. J. **Infância, exclusão social e educação para a cidadania activa**. Movimento, Niterói, n. 3, p. 53-74, maio, 2002.

SARMENTO, M. J. & PINTO, M. **As crianças e a Infância**: definindo conceitos delimitando o campo. In: PINTO, M. & SARMENTO, M. J. (coord.) *As Crianças: Contextos e Identidades*. Braga, Portugal: Centro de Estudos da Criança, 1997.

SARMENTO, Manuel Jacinto. As Culturas da Infância nas Encruzilhadas da Segunda Modernidade. In: SARMENTO, Manuel Jacinto e CERISARA, Ana Beatriz. **Crianças e Miúdos**: Perspectivas Sociopedagógicas da Infância e Educação. Porto, Portugal. Asa Editores, 2004.

SARMENTO, M. J. **Gerações e alteridade**: interrogação a partir da sociologia da infância. In: *Educação e Sociedade*, Campinas, v. 26, n. 91, p. 361-378, maio/ago. 2005.

SARMENTO, M. J. **Sociologia da Infância**: correntes e confluências. SARMENTO, M. J.; GOUVEA, M. C. S. (Orgs.). *Estudos da infância: educação e práticas sociais* – Petrópolis: Vozes, 2008. p. 17-39.

SARMENTO, Manuel Jacinto. **A sociologia da infância e a sociedade contemporânea**: desafios conceituais e praxeológicos. In: ENS, R; GARANHANI, M. (Org.). *Sociologia da Infância e a formação de professores*. Curitiba: Champagnat, 2013. p. 13-46.

SPINOZA, B. **Ética. Belo Horizonte**: Autêntica, 2007 [tradução de Tomaz Tadeu].

Recebido em 13 de março de 2019.

Aceito em 4 de setembro de 2019.